

# Rosa

**Renato Torres**

a rosa morta e seca ergue-se da garrafa de vinho  
tintura tão deserta, vertendo a cabeça mouca em desatino  
eu penso nela – metáfora ressequida, vinho paralisado  
assombro espantinho no desdém da embriaguez pretérita  
tua fina carcaça resiste sem propósito no sótão da memória  
a glória tímida tomba em languidez cadavérica, hirta  
sobre a mirra postergada no altar, invenção tímida.

rosa, silenciosa desde antes, ao chegares vespertina  
tinhas tua razão em adagas pelos flancos ainda vivos  
decidias toda sina ao ferires as mãos claras da moça  
e as minhas em poça úmida de vinho tinto e seco...ah!  
desde então essa segura tua, essa sedenta cria dura  
do estio, mesmo mergulhada, essa fala de poeira, essa pedra  
resumida em pétala, governada em mistério, relicário mudo.

a rosa miúda rege o seu minúsculo destino  
domando-o à rédea d'um fio fino, a linha vital  
sangrando-a contínua de seu novelo rubro, umbral  
do rouco veludo que agasalha desejos guardados.  
e eu também aguardo, como em prece vigilante  
a cor dar em si, erguendo-lhe a corola outra vez viva  
outra vez ave migrante, outra vez antes,  
como um fogo futuro de jardim.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/rosa-9>